

6 MAR. 1988

Pais decidem intervir na qualidade do ensino

SÃO PAULO — Irritado com o baixo nível de ensino transmitido a seus filhos e cansado de apenas reclamar, um grupo de pais de alunos de escolas estaduais da capital paulista, resolveu partir para a ação e fundou o Movimento Estadual Pró-Educação. Os pais estão tão animados que decidiram transformar o movimento em uma associação registrada e já a partir de segunda-feira encherão as caixas dos Correios com cerca de 20 mil cartas endereçadas a professores das universidades públicas e a diretores de todas as escolas municipais e estaduais do estado de São Paulo.

O objetivo da carta é conscientizar os profissionais envolvidos com a educação da necessidade de melhorar a qualidade do ensino. "Estamos fazendo uma coisa diferente", garante Elisa Torneto de Carvalho, 41 anos, dona-de-casa e participante do movimento. "Não esperamos alguém se oferecer para fazer alguma coisa. Nos juntamos e saímos por aí", disse.

O objetivo do Movimento Estadual Pró-Educação é sensibilizar pais, professores e governantes em torno da busca de meios que favoreçam a qualidade do ensino. "O ensino vem se deteriorando nos últimos 20 anos", comenta Elisa, que se surpreende com o fato de seus três filhos aprenderem, no fim do primeiro grau, lições que ela estudara no antigo primário. "Na minha época o conteúdo era muito profundo", garante ela, ex-aluna de escola pública.

O Movimento Estadual Pró-Educação nasceu de um grupo de pais de alunos na escola de primeiro grau Reynaldo Porchat, no Alto da Lapa, bairro de classe média alta da Zona Oeste da capital, e conta hoje com representantes de seis escolas da região. O grupo chegou a

ter participação de cerca de duas mil pessoas durante a greve de professores, em fevereiro de 1988, e agora reúne com cerca de 20 membros fixos.

Uma das primeiras atitudes do movimento foi visitar cerca de 100 escolas estaduais e trabalhar pela conscientização dos pais dos alunos. "Nós também somos culpados, não valorizamos a educação", continua Elisa. "Não só o governo deve dar prioridade à educação. O povo tem que exigir. Como é que pode haver tanta gente trabalhando na Secretaria de Educação e o resultado ser tão ruim?", questiona Elisa.

Na carta a ser enviada às escolas públicas e professores universitários, o Movimento levanta algumas das causas que, segundo entende, vêm piorando a qualidade do ensino: o fato de a educação não ser considerada atividade prioritária — cerca de 8 milhões de crianças de 7 a 14 anos são analfabetas no país; a proliferação de faculdades de fim-de-semana; a baixa remuneração dos professores, com excessiva carga horária de trabalho; e o reduzido número de horas-aula em comparação com outros países.

O Movimento não vai parar por aí. Vai cobrar dos diretores das escolas uma posição e a divulgação da discussão do ensino com os pais dos alunos. Ele também quer decidir. No mês que vem o movimento terá sua primeira reunião como associação e vai exigir participação nas decisões das secretarias de educação do estado e do município. O grupo pretende atuar, por exemplo, no planejamento de aulas e na indicação de professores para as escolas. "Queremos disciplina, começar o ano com tudo bem organizado", exige Elisa. "Temos um pensamento grande, queremos ter poder de decisão."